

A Liberdade



Jornal republicano

Secretario — RUY DA CUNHA E COSTA

Editor e administrador — MAXIMO JUNIOR

Composição e impressão — Typ. Minerva Central — Aveiro

Director — ALBERTO SOUTO

Redacção e administração — Rua José Estevam — Aveiro

PROPRIEDADE DA EMPREZA «A LIBERDADE»

Em que lei vivemos?

Pergunta um dos mais encarniçados inimigos da Republica, ao ser-lhe notificada pelo illustre governador civil d'este districto, a dissolução do centro em que pontificava e a suppressão do jornal em que nos vinha agredindo.

Vivemos na lei pela qual o partido republicano representando as mais nobres aspirações da Patria, do Exercito e do Povo, escorraçou a monarchia e implantou a Republica, de que eu tenho a honra de ser o enviado n'este districto.

E' a lei pela qual todas as burlas, todas as ficções politicas, hão de encontrar o devido correctivo no regimen actual.

E' a lei da mais justa, da mais benevola, da mais santa, mas por isso mesmo da mais decidida das revoluções; n'uma palavra—**VIVEMOS NA LEI DA REVOLUÇÃO!**

Responde com toda a energia do seu caracter e da sua alma de republicano, o dr. Rodrigo Rodrigues.

Educar o povo é engrandecer a Patria

A nobreza do caracter é o coroamento e a gloria da vida.

SAMUEL SMILES.

A função mais nobre e mais altruista d'esta grande e incomparavel tribuna da imprensa, que deverá ser sempre pura nos seus propositos e intenções, sancta e sagrada nos seus ensinamentos, é, sem duvida, a que se consagra á educação do povo, procurando elevar a alma de uma raça, conduzindo-a pela estrada ampla, banhada de luz, onde se encontra o bem estar e a felicidade individuaes.

Conduzir o homem á pratica de todas as virtudes que engrandecem, senão constituem a gloria do nosso caracter, é missão que se desentranha em beneficios sociaes do mais alto valôr, por quanto, é da somma das virtudes de nós todos que ha-de resultar o bom nome e a felicidade d'esta nossa collectividade nacional.

«O governo de uma nação, diz o philosopho inglez Smiles, não é ordinariamente senão a imagem e o reflexo dos individuos que a compõem.»

A liberdade não é sómente o effeito de uma crença politica; é sobretudo o effeito de uma crença moral, o resultado da energia, da independencia e da liberdade de acção individuaes.

E' por isto que o mesmo autor reconhece que a maneira como um homem é governado, pôde não ter uma grande importancia, emquanto que tudo depende da maneira como elle se governa a si mesmo.

Ora, d'aqui se deduz a importancia social que existe na educação do povo, e o carinhoso affecto que tal educação deve merecer a todos os homens de bom conselho.

Libertar o povo da escravidão dos seus vicios, do seu egoismo e da sua ignorancia, é com-

correr, na mais larga escala para lhe dar liberdade.

A liberdade não pode ter fundamentos solidos, diz ainda Smiles, senão na força dos caracteres individuaes; e é n'esta força que se encontra a mais segura garantia da confiança politica e progresso nacional.

Portanto, nós todos que amamos com todo o enternecimento da nossa alma esta nossa patria tão querida, devemos congratuar os nossos mais sinceros esforços para ajudar a implantar a liberdade no coração do povo, aformoseando-lhe o caracter e ensinando-o a saber governar-se a si mesmo.

E é então que esta adoravel tribuna se reveste da mais alta magestade, irradiando scintillas de luz diamantina, que illuminando até ás mais reconditas conphractuosidades moraes que occultam o vicio e o egoismo, aplaina o caminho do dever, da honestidade e da honra, que é o caminho da gloria e da felicidade da republica portugueza. Mas é mister não confundir educação com instrucção.

Esta confusão é tão grande por toda a parte, infelizmente, que houve já quem dissésse que a cada escola que se abria correspondia uma cadeia que se fechava.

E, com tudo, essa errada e falsa orientação fica esmagada sob o peso das estatisticas.

Acima de uma ideia que pôde traduzir muitas vezes uma aspiração generosa, mas que no fundo fica sendo sempre uma ideia falsa, está a experiencia, a logica esmagadora dos factos.

Instruir é bom, é mesmo indispensavel, mas ninguém deve perder de vista que Herbert Spenser demonstrou com extrema facilidade que «a instrucção não faz o homem nem mais moral, nem mais feliz, que lhe não muda os instinctos nem as paixões hereditarias, e que é até, por vezes, logo que seja mal dirigida, mais pernicioso do que util.»

Eduquemos o povo pois, para o tornarmos digno e util á patria, e assim robusteceremos a nos-

sa nacionalidade, tornando-a nobremente altiva, impondo-a ao respeito, á consideração e até á estima dos outros povos.

Lembremo-nos todos que o caracter humano é modificado na sua formação por mil influencias subteis; (Smiles) pelo exemplo e pelos preceitos, pela vida de cada dia e pela litteratura, pelos paes e pelos amigos, e até pelo espirito de nossos antepassados que se eternisa na tradição de altos feitos e nobres ensinamentos legados.

Eduquemos o povo e então legitimo será contar que esta aurora refulgente que veio illuminar a vida nacional, entregando ao povo o governo, a sorte dos destinos, encontrará n'esta nossa raça de tradições gloriosissimas, base segura para que a felicidade nos bafeje.

Eduquemos o povo para que a sua alma, que deve ser a integração da alma da patria, brilhe em céu azul como um arrebol de esperanças, e para que as suas aptidões, o seu trabalho honesto, encontre campo util e fertil para o bem commum.

Eduquemos o povo nunca esquecendo, porém, que Gustavo Le Bon affirma que a aquisição de conhecimentos para os quaes se não encontra applicação, é o mais seguro meio para fazer do homem um revoltado.

Por isso elle sustenta que é indispensavel substituir os nossos odiosos manuaes, os nossos lastimosos concursos, por uma instrucção profissional capaz de levar a juventude para os campos, officinas e empresas colonias, de que hoje procura fugir.

As condições para a victoria da vida são o raciocinio, a experiencia, a iniciativa e o caracter, e nada d'isto é dado pelos livros.

Eduquemos o povo emfim, lançando mão da mais activa e convicta propaganda, e levemos a todas as camadas sociaes o grande e bello ensinamento que resulta d'este adoravel pensamento de Wordsworth:

«Ha duas cousas aparentemente contradictorias, mas que devem sempre caminhar junctas

—uma digna dependencia e uma nobre independencia, uma nobre confiança nos outros e uma digna confiança em si mesmo.»

Aveiro, 24—2—911.

CORONEL SANSFIELD.

COMICIO

Deve ter lugar amanhã, domingo, na freguezia de Bustos, um imponente comicio de propaganda republicana. Para usarem da palavra estão já convidados os nossos correligionarios capitão Viegas, dr. Joaquim de Mello, capitão do porto, capellão de infantaria 24, Alberto Souto, dr. Antonio Breda e Ruy da Cunha e Costa.

DIRECTORIO

DO

PARTIDO REPUBLICANO

O Directorio do Partido Republicano, para evitar reclamações e protestos, faz saber que só reconhece as Comissões e Centros Republicanos que venham a eleger-se ou a organizar-se, se as communicações respectivas fôrem enviadas a esta secretaria pelas comissões municipaes ou districtaes já reconhecidas.

Lisboa, 21 de fevereiro de 1911.

O secretario do Directorio, (a) Eusebio Leão.

PERFIS

Estava concluido o apuramento das ultimas eleições.

Tinha finalmente na mão todo o districto.

Era já noite quando terminou o jantar. Levantou-se e veio sentar-se no jardim, junto ao muro que domina a villa.

Com o olhar fixo no Agueda, que lá em baixo corria limpo e sereno, pensando na victoria adormeceu.

Pouco depois, estranha visão do sonho, elle via passar na sua frente um luzido cortejo, que vi-

nha prestar-lhe as devidas homenagens.

Era chegado o momento da grandiosa apothose.

A' frente, a Monarchia, especie de velha alcoviteira, encadernada de fresco, vinha seguida dos seus aulicos.

Centenas de caciques, de leves roupagens azues e brancas, entoavam um hymno ao seu senhor.

Vinha depois, um numeroso grupo de sadios e robustos manucebos, carregados de valiosas ofertas, que assim procuravam significar a Deus, a sua eterna gratidão, por terem sido livres da vida militar.

A Justiça envolta no seu púrpureo manto, sem espada e sem balança, carregava com um pesado masso de pasquins nojentos.

Após ella, uma caravana de empregados dos correios limpos e honestos, de mala ás costas caminhava indecisa.

Um pelotão da guarda pretoriana, armado até aos dentes, ameaçava o mundo.

De sobrecasaca e chapéu alto, numeroso grupo de engraxadores, «dernier cri», apregoava aos quatro ventos a eficacia e lustro da pomada.

Vinha depois um carro allegorico de surprehendente effeito, representando uma enorme gamella abarrotada d'ossos, que alguns milhares de rafeiros olhavam esfomeados.

Sob um palco de damasco franjado a ouro, um doente, amparado a duas garrafas de puro champagne d'Anadia, espargia o saboroso nectar, sobre o seu melhor, o seu mais potente esteio, a quem fizera conde.

Fechava o cortejo nma compacta multidão, cantando o hymno da Carta.

Acordou, e olhando em roda não viu vestigio algum do que sonhára.

Levantou-se, disposto a voltar para casa.

Lá em baixo, o Agueda continuava a correr limpo e sereno.

O sonho fôra bello, mas durára pouco.

NÉMO.

Notas soltas

Pastoral... aviso

Tinha que ser. A reacção não desarmava. Estava ainda quente o effeito da lei do registo civil obrigatorio, e era preciso que suas reverendissimas dessem signal de vida.

Quando todos menos o esperavam, appareceu a pastoral dos Bispos, documento que aconselhando o reconhecimento da Republica, applaude e instiga até a desobediencia ás suas leis.

Se tal acto veio pôr de sobre-aviso algum, não foi decerto ao illustre Ministro da Justiça, que como bom republicano que é, os deve conhecer de genteira.

A suspensão do seraphico Sebastiãozinho de Beja, havia de ter resposta. O relatório da sua apudisiaca viagem por terras de Hespanha, tinha que apparecer, e appareceu, n'este momento que julgaram oportuno.

Esperamos porém, que a dita pastoral terá resposta condigna, na proxima lei da separação.

Basta de intransigencias, que só compromettem o prestigio das instituições.

Para com inimigos de tal ordem só deve haver energia, ainda que lhe chamem violencia.

E' uma questão de nome, que para o caso nada importa.

Eleições

Não ha hoje duas opiniões a tal respeito. Venham as eleições, são precisas as Constituintes.

Ha porém, que distinguir, e muito, no pedido acto eleitoral.

Ninguém desconhece que logo após a proclamação da Republica, uma corrente conservadora, que infelizmente encontrou pé no Ministerio, começou a pedir eleições desenfreadamente. Compreende-se. N'essa facção em que ao lado de poucos republicanos, enfileiram todos os monarchicos reaccionarios, e em que um periodo revolucionario, mas verdadeiramente revolucionario, maior brecha poderia abrir, o acto eleitoral tornava-se um genero de primeira necessidade.

E' preciso acabar com sustos, e portanto, venham as eleições.

Do outro lado, os radicais, onde se encontra a massa republicana que bem conhece a gravidade da situação, sentindo desfallecer o Ministerio na sua tarefa de saneamento, salvo raras excepções, deseja a todo o transe a reunião da Constituintes, na esperança de vêr á frente dos destinos da Nação um Ministerio seu, genuinamente seu.

E assim, todos desejam as eleições. Venham ellas pois, cumpram-se os votos na esperança de que nós republicanos mais uma vez havemos de triumphar.

Obras Publicas

Faz amanhã precisamente 5 mezes que a Republica foi implantada em Lisboa.

Esperanças que o povo da capital não levará o seu egoismo até ao ponto de querer ser elle o unico a compartilhar dos seus beneficos effeitos, continuamos á espera da decantada syndicancia.

Como certamente o illustre Governador Civil, não conhece a fundo o desleixo e a immoralidade que há muitos annos, assentaram arraigas n'aquella repartição, brevemente começaremos a transcrever alguns bocadinhos da defuncta *Beira Mar*, que hoje cahem como a sôpa no mel.

E' tempo já de elucidar o povo, sobre o amor e desinteresse que certos figurões tinham á monarchia, tanto mais que nos consta que o sr. Paulo de Barros se ufana de ter pedido a syndicancia á sua repartição, quando é certo que foram as commissões que com o sr. Governador Civil instaram para que ella se fizesse o mais rapidamente possível. O sr. Paulo de Barros só a pediu depois de lhe ser notificada a resolução das commissões.

Serviços de limpeza

E' realmente deploravel o estado de limpeza em que se encontram as nossas ruas.

Não sabemos qual a verba que a Camara destina a este serviço, mas, constando para ahí que o orçamento do corrente anno é, *ipsis verbis*, o do anno anterior, não é crível que uma vereação republicana deminuisse a verba destinada a tal serviço, e n'estas condições, não ha razão para haver menos cuidado com a limpeza das ruas.

Esperamos que o sr. Presidente, como medico distincto que é, olhará a valer por esta questão de hygiene.

Tudo vae talvez da fiscalisação, que na verdade em questões camararias, continua a ser... monarchica retinta.

Carnaval

Inspido e monotono como sempre. Nem uma mascara de graça, nem uma brincadeira alegre e de bom gosto. Parece mesmo já não haver razão de existir.

Em Aveiro, as festas carnavalescas resumem-se n'uns *batuques* no Theatro cheios de po e recheados de vinho, dançando tudo, tudo menos mascaras, que não apparecem.

Mas não gastemos tempo com frioleiras e não digamos mal do que é nosso, porque toda a imprensa se queixa do mesmo mal.

Devendo porém ser justos na nossa apreciação, é preciso dizer que nos espectáculos d'este anno se jogaram serpentina e confetti como nunca, e que as damas da nossa melhor sociedade, se apresentaram de *costumes*, alguns admiraveis e luxuosos.

Oxalá isto sirva de exemplo, e de anno para anno se procure civilizar este Carnaval, bem pouco digno do seculo em que vivemos.

Augusto de Brito

Victimado pela tuberculose, falleceu no passado domingo no meio do mais doloroso soffrimento, o sr. Augusto de Brito, filho do nosso amigo e correligionario snr. Alfredo Cesar de Brito.

O infortunado rapaz, que apenas contava 22 annos de idade, gosava da estima de quantos o conheciam. Era um caracter alegre e communicativo. Frequentava uma das escolas do Porto, tendo ha pouco vindo residir para Aveiro, por se terem agravado os seus padecimentos.

Lamentando profundamente a sua morte, aqui deixamos consignados a seu pae e irmãos os nossos sentidissimos pezames.

Rede telephonica

A Comissão Municipal Administrativa, convida todos os cidadãos que desejem aproveitar-se da portaria do sr. Ministro do Fomento, que estabelece redes telephonicas em todas as cidades onde haja pelo menos 200 subscriptores, a inscreverem os seus nomes na secretaria da Camara ou na estação Telegrapho-Postal.

O aluguer do telephone faz-se ao preço de 15\$000 réis annuaes.

Centro Escolar Republicano

Deve ter logar amanhã, pelas 2 horas da tarde, no Centro Escolar Republicano, a cerimonia da distribuição de factos a algumas creanças pobres, pela Junta de Parochia da freguezia da Vera-Cruz.

GOVERNADOR CIVIL

Toda a imprensa republicana do paiz, se tem referido com palavras de louvor ao nobilissimo acto do illustre governador civil, que para evitar qualquer alteração da ordem publica, entendeu dever dissolver o Centro Monarchico e supprimir o seu órgão.

S. ex.^a, que por este facto tem sido immensamente cumprimentado, tem recebido innumeradas cartas e telegrammas das Commissões e Centros Republicanos, que applaudindo sem reservas a sua orientação politica, lhe manifestam a sua absoluta solidariedade com a obra de saneamento que se propoz levar a cabo, a bem dos interesses da Republica.

Entre outros, recebeu o snr. dr. Rodrigo Rodrigues, os seguintes telegrammas:

Governador Civil—Aveiro. Oliveira do Bairro, 25.

A Comissão Municipal Administrativa de Oliveira do Bairro, reunida em sessão, deliberou por unanimidade felicitar V. Ex.^a e dar apoio ao acto energico de bom republicano, suppressão *«Justiça»*, dissolução Centro Nacional Democrático.

Pela commissão, O presidente, Santos Ferreira.

Governador Civil—Aveiro. Agueda, 24.

Centro Escolar Republicano de Agueda felicita V. Ex.^a pelas energicas medidas adoptadas contra os reaccionarios d'Aveiro. Director, Alvaro Vidal.

Governador Civil—Aveiro. Agueda, 24.

Comissão Parochial Administrativa Agueda, felicita V. Ex.^a por attitudo tomada contra Centro Monarchico e jornal *«Justiça»*. Mendes Paes.

Governador Civil—Aveiro. Agueda, 24.

Em nome Comissão Parochial Administrativa Recardães felicita V. Ex.^a por attitudo tomada contra reaccionarios Aveiro. Adolpho Gomes Soares.

Governador Civil—Aveiro. Vizeu, 27.

Abraço-o entusiasticamente. Alegre.

Governador Civil—Aveiro. Oliveira do Bairro, 25.

Felicito V. Ex.^a pela attitudo energica e patriótica suppressindo jornal *«Justiça»* e dissolvendo Centro falsos republicanos. Administrador concelho, Arthur Ribeiro.

Governador Civil—Aveiro. Macieira de Cambra, 25.

Comissão Municipal d'este concelho tendo conhecimento medidas adoptadas V. Ex.^a, applaude digna attitudo tornando-se solidaria com V. Ex.^a. Presidente, Coutinho.

Governador Civil—Aveiro. Ovar, 25.

Felicitemos V. Ex.^a pela energica moralidade interferencia de saneamento social dissolvendo Centro Christo e suppressindo jornal *«Justiça»*.

A Comissão Municipal—Antonio Valente, Fernando Pereira Zagalo de Lima Nunes, Branco Pereira de Carvalho.

Governador Civil—Aveiro. Agueda, 24.

Felicito V. Ex.^a pela sua inquebrantavel attitudo perante reaccionarios d'Aveiro.

Presidente Comissão Parochial Agueda de Cima, Antonio Amaral.

Recordando

Com horror á thesoura de que felizmente não precisamos para encher o jornal, mas a que nunca deixaremos de recorrer quando se tornar preciso, sem reboço, transcrevemos da *Lucta*, de ha dias, o que noutro logar vai sobre o nosso ex-Hoche.

E' sempre bom recordar a monarchia quando ainda ha quem a defenda e nós não nos cançaremos nunca de a recordar, enquanto quizerem que assim seja.

Dr. Caetano Affonso e Cunha

Por unanime proposta de todas as Commissões Administrativas do concelho de Estarreja, na falta das commissões politicas, e com o applauso de quantos o conhecem, foi nomeado official do registo civil n'aquella villa, este nosso querido amigo, homem de talento e homem de caracter.

O dr. Caetano Affonso e Cunha que durante um curto espaço de tempo regeu interinamente algumas cadeiras no lyceu d'esta cidade, onde conquistou muitas sympathias, no presente anno lectivo, para o que foi nomeado por ter sido o mais distincto alumno do seu tempo no nosso lyceu, e que é tambem um advogado habil e sabedor, não militava no partido republicano antes do 5 de outubro, nem tão pouco se faz passar—por já ter de ha muito as nossas ideias.

O seu nome foi por todos indicado com referencias que o poderiam justamente envaidecer se elle fosse capaz de uma vaidade, e por todos recebido com francos applausos que elle tanto merece como a nossa confiança.

Quando nos chamarem *dissidentes* por nos congratularmos com a nomeação democratica para um cargo assim, sem preterição de republicanos com serviços ao partido, de homens como o dr. Caetano Affonso, nós accudimos logo sorridentes a dizer, alto e bom som, que temos muita honra em sermos *dissidentes*.

E temos muita honra n'isso, podem-o todos saber.

Mas *dissidentes*... dos pulhas que se mordem por não nos sujarem com a sua baba e com os quaes não transigimos nunca, e *dissidentes* com homens honestos que nos fazem muito boa companhia.

Do nomeado nada mais dizemos, porque seria elogiarmo-nos a nós mesmos e os elogios para os da casa custam-nos muito caro—custam-nos o nosso proprio feito.

Parabens não lh'os podemos dar; poderiamos apenas recebe-los.

Nosso irmão Machado, o heroe

Tem-se entretido, elle ou o irmão Weiss com o seu applauso, a atirar-nos bujardas.

Será melhor ser mais prudente, sr. Machado dos Santos, nosso irmão da Montanha.

O grande Alexandre morreu de uma indigestão e Luiz XIV, de uma chaga.

Se o irmão continua, nós somos capazes de o convidarmos... a chegar ali ao Porto ouvir aclamações!

Nós

Ainda aos collegas da imprensa que depois da nossa referencia nos teem dirigido palavras captivantes, ás inumeras pessoas de quem temos recebido felicitações e incitamentos, aos nossos amigos que nos mandam listas de assignaturas, os nossos agradecimentos.

Agora do que precisamos é de leitores muitos leitores. Muitos e muitos temos já, mas queremos mais, muitos mais, sempre mais.

Não importa que um jornal chegue para quatro, cinco ou dez leitores.

Não fizemos o jornal para lhe tirar lucros; foi para doutrinar, para combater e para orientar.

Espalhem pois *A Liberdade*, deem-na a lér, façam propaganda das suas ideias e nós saberemos agradecer tudo isso, fazendo republicanos e defendendo a Republica.

ECHOS

Outro heroe

Parece que ahí para o norte, em Aveiro, ha um governador civil qualquer que especula com os interesses da Republica, forjando conspirações que só teem por fim alarmar o espirito publico, pondo os influentes na frenteira como meio pratico de vencer tórpemente as eleições.

Bem te conheço mascara. Es o Weiss. O Weiss não tolera, não comprehende que haja algum governador civil que se possa identificar com os *demagogos*. O Weiss, do C. o Weiss de Jayme Silva, accusa o dr. Rodrigo Rodrigues de especular com a Republica. Não Weiss.

Se alguém especulou com a Republica em Aveiro, foi exactamente vossê. Vossê que trahindo por completo os seus principios estabeleceu com o C. e seus consocios um pacto vergonhoso, e indigno de um republicano honesto. Vossê, que tendo jurado fazer politica abertamente republicana, trahiu por completo os seus compromissos, para fazer o jogo descarado dos monarchicos e dos reaccionarios de Aveiro. O sr. dr. Rodrigo Rodrigues procedeu como devia. Tem o apoio incondicional dos republicanos de todo o districto. Mas nós comprehendemos tudo.

Logo que o Centro Monarchico foi dissolvido, o C. fez queixa ao Weiss e o Weiss sahio logo em defeza do Centro Monarchico.

Muito bem, Weiss. Vossê de tanto conviver com os heroes é já tambem um heroe.

O Weiss, vossê na sua qualidade de *mestre grão* da carbonaria deve ter estado na Rotunda!

Não seja tão modesto, homem. Falle com franqueza Weiss. Vossê esteve na Rotunda...

Que audacia...

Jayme Silva ao sêr-lhe notificada a dissolução do Centro Monarchico e a suppressão do seu órgão, perguntou ao illustre Governador Civil qual era a lei pela qual o intimava a não praticar actos de politica ostensiva á Republica.

S. ex.^a respondeu com as significativas palavras que hoje encimam a primeira pagina do nosso jornal. Não podia responder d'outra fórma.

O sr. dr. Rodrigo Rodrigues demonstrou mais uma vez o seu muito empenho em consolidar o actual regimen, correndo a hypocrisia e a mentira. Jayme Silva

queria á sombra da Republica hostilizar a propria Republica. Não podia ser. Vendo-se perdido, apellou para a lei, elle que outrora justificava todas as violencias contra os republicanos com a carunchosa fórmula de que *todos os regimens se defendem*. Por pouco Jayme Silva teria perguntado qual a lei em que os republicanos se fundaram para fazerem a revolução e implantarem a Republica em Portugal.

E' o cumulo da audacia.

O proletariado

Ha dias um operario do Arsenal, foi entrevistado por um reporter da *Republica*, que lhe perguntou o que pensavam os seus camaradas sobre a marcha dos negocios publicos.

O novo regimen inspira geral confiança—foi um allivio. Assim se exprimiu o digno trabalhador que no movimento revolucionario teve um posto honroso e arriscado.

Com effeito, o proletariado, deve já ao novo regimen uma grande somma de beneficos. Elle trouxe-lhe a liberdade de reunião e de associação. Libertou-o pela lei do inquilinato da exploração do senhorio e concedeu-lhe o direito á greve quasi sem a fiscalisação da auctoridade administrativa. N'uma palavra: se ainda não pode satisfazer todas as suas aspirações, contribuiu immensamente para a melhoria da sua degradante situação.

O bispo de Vizeu

A *Lucta* contava ha dias:

Antonio Alves Martins não tinha papas na lingua. D'uma vez, presidia elle á camara dos deputados, quando um dos paes da patria, para justificar um projecto de lei, começou a citar o que lá fora se fazia, dizendo: «Se formos a Hespanha, sr. presidente, verificaremos, etc. «Se formos a França... se formos a Inglaterra...» A camara bocejava com a estopada e o bispo, dejeoso de lhe pôr tempo, interrompeu o orador:

—V. Ex.^a dá-me licença para uma observação?

—Ora essa, sr. presidente!

—Se o sr. deputado fosse de preferencia ali a Palmella, não seria melhor?

Escusado será dizer que o outro entupiu e sentou-se, no meio da hilaridade da camara.

Este facto recorda-nos um interessante dialogo, entre o deputado monarchico Oliveira Mattos e o dr. Affonso Costa, n'uma das scssões da extincta camara dos deputados.

Oliveira Mattos que fazia os possiveis por imprimir a todos os seus detestaveis discursos um certo cunho de erudição, dizia n'uma d'essas memoraveis sessões:

Meus senhores: Já Lamartine no seu livro a *«Historia de um crime...»*

—O collega dá-me licença?—interrompe o dr. Affonso Costa: *A Historia de um crime, é de Victor Hugo.*

—Ai é de Victor Hugo?

Meus senhores: Já Victor Hugo no seu livro a *«Historia de um crime...»*

Passados alguns minutos, Oliveira Mattos que não perdia a mania das citações, voltando-se para o dr. Affonso Costa, diz:

Já Lamartine no seu livro *«Napoleon le petit...»*

—O collega dá-me licença?—interrompe novamente o dr. Affonso Costa: *«Napoleon le petit» é de Victor Hugo.*

—Ai é de Victor Hugo?

Meus senhores: Já Victor Hugo no seu livro *«Napoleon le petit...»*

Pois apezar de todo o seu talento e comprovada erudição, Oliveira Mattos era um simples leader do famoso partido progressista. Foi assim que a monarchia condemnou ao ostracismo esta

legítima gloria nacional. E ainda ha quem tenha saudades da monarchia...

Era não era, andava caçando

A moral da Republica é esta: Quem adheriu é adhesivo; quem não adheriu é burro, porque acredita em almas do outro mundo e a monarchia é defuncta.

(Do Intransigente)

Uma dictadura revolucionaria não se justificaria depois d'esse espectáculo vergonhoso das adherencias em massa que, digam o que disserem, constituem o mais significativo attestado da absoluta falha do character portuguez.

(Do Intransigente)

Era não era, andava caçando.

Nós ainda não encontramos nada mais incoherente do que essa gazeta. Revoltou-se contra os republicanos por não fazerem politica de attracção e censura aos monarchicos quando elles adherem. Nós não os percebemos. Não sabemos o que elles querem. Nós não sabemos o que quer dizer aquelle rotulo de... *Intransigente!* Mas nós justificamos a sua attitude quando elles se lembram de criticar o illustre governador civil d'este districto, por não fazer a politica dos reaccionarios. Elles tem a sua especial predilecção pelo C. E' recordar o que a tal gazeta dizia quando esse renegado fugiu para o estrangeiro:

Aquelle homem emagrecido que alvae, embrulhado no seu capote de viagem, vendo desaparecer, pela portinhola do comboio que quasi vò, a terra em que passou os melhores annos, exerceu uma acção politica como poucos no seu paiz.

Estudou, viajou, trabalhou.

Jornalista dos raros n'este paiz de jornalistas, os azares da politica fizeram d'elle um azedado combatente.

Versou os problemas sociais com proficiencia, e enquanto os outros, a elite fazia blague, elle educava...

Depois... um dia vê proclamado o regimen politico por que trabalhou e soffreu, e os outros, em nome da liberdade que sempre todos defenderam, apontam-lhe o caminho da fronteira.

E lá vae, mundo além, embrulhado no seu capote de viagem, aquelle homem emagrecido pela lucta e pela vigilia, vendo desaparecer pela portinhola do comboio que quasi vò aquella verdejante terra, sua patria.

Está tudo explicado. Nós não queriamos tocar n'este assumpto. Entendiamos que até á reunião das Constituintes, o partido republicano se devia cingir aos principios da disciplina partidaria que durante o tempo da monarchia foram sempre a sua maior força e o seu principal galardão. Mas nós fomos sempre partidarios de situações definidas. E' preciso falar claro. Falaremos, pois, sempre que julgarmos conveniente desmascarar o Weiss e os seus alliados. E então se verá quem são os especuladores da Republica...

Visita aos concelhos

Pelo vizinho concelho de Ilhavo começa amanhã a sua visita ao districto o illustre governador civil, sr. dr. Rodrigo Rodrigues.

No domingo seguinte sua ex.ª visitará Agueda.

E' a primeira vez que um governador civil assim procede no nosso districto.

O problema da mendicidade

Uma importante reunião no Governo Civil de Aveiro

Conforme, resumidamente, noticiámos em o nosso ultimo numero, o Governador Civil do districto, sr. dr. Rodrigo Rodrigues, convocou para uma reunião no Governo Civil alguns cavalheiros de representação na cidade, com o fim de tratar do problema da mendicidade.

Entre outros assistiram a essa reunião, pela imprensa local, representando *O Democrata* Arnaldo Ribeiro; *Campeão das Províncias*, Marques Gomes; *Progresso*, Joaquim Peixinho; *Justiça*, padre Antonio Silva; *Vitalidade*, padre Vieira; *Aveirense*, Antonio Simões Cruz; *Liberdade*, Alberto Souto; e os srs. dr. Jayme de Magalhães Lima, provedor da Santa-casa da Misericórdia; dr. Paulo de Barros, director das obras publicas; Francisco Regal-

la, presidente da direcção da Caixa Economica; dr. Alvaro de Moura, reitor do lyceu; coronel Sousa Bessa, commandante da brigada; dr. Armando da Cunha Azevedo, sub-delegado de saude; João Pedro de Mendonça Barreto, funcionario publico aposentado e proprietario; tenente de infantaria Costa Cabral; dr. Manuel Pereira da Cruz, delegado de saude; Antonio Maria dos Santos Freire, funcionario publico aposentado e proprietario; Manuel Ferreira Pinto de Sousa; arcepestre e prior da Vera-Cruz, João Pinto Rachão, prior da Gloria; dr. João Feio Soares d'Azevedo, secretario geral; Arnaldo A. Alvares Fortuna, proprietario; Ignacio Cunha, proprietario e capitalista; José Trindade, industrial; Domingos Pereira Guimarães, commerciante; Eduardo Vieira, capitalista; dr. Jayme Duarte Silva, presidente da associação commercial; João Bernardo Ribeiro Junior, pharmaceutico; João da Silva Pereira, capitalista; Jacintho Agapito Rebocho, chefe do real d'agua e proprietario; Domingos J. dos Santos Leite, commerciante; dr. Joaquim de Mello Freitas, dr. Manuel Maria da Rocha Madal e José Maria Pereira do Couto Brandão, officiaes do Governo Civil; Manuel da Paula Graça, industrial; Anselmo Ferreira, commerciante; dr. Lourenço Peixinho, medico; Mario Duarte, inspector do sello, João P. Campos; industrial; Firmino Huet, conductor de obras publicas; José Maria Nunes Branco, industrial; coronel Alexandre Sarsfield, commandante de infantaria n.º 24; tenente de cavallaria Guimarães; Julio Cesar Ribeiro de Almeida, capitão do porto; Abel de Pinho, proprietario; Francisco Meyrelles, commerciante; Joaquim Ferreira Felix, commerciante; Albino Pinto de Miranda, commerciante; Antonio Maria Ferreira, commerciante; Manuel Moreira, capitalista; Sergio de Barros Baccellar, fiscal do sello; Manuel Marques da Cunha, capitalista, etc., etc.

O sr. dr. Rodrigues expôz os fins da reunião e agradeceu a comparencia d'aquelles a quem havia sido dirigido o seu convite que muitos outros cavalheiros que elle certamente ali desejaria vêr teriam recebido tambem se conhecesse bem a cidade.

Referindo-se ao problema da mendicidade, disse ser urgente remedial-o tanto quanto a organização social actual nol-o permitta, para se pôr fim ao triste espectáculo de vêrmos mendigar, de porta em porta, semelhantes nossos cahidos na desgraça e na miseria e de se acabar com a exploração e embuste de que tantas vezes somos victimas em nome da caridade, prejudicando-nos a nós e prejudicando, sobretudo, os verdadeiros necessitados. Fez a apologia das Misericórdias, instituições genuinamente portuguezas, que a politiquice e a falta de escrupulos por muita parte levou á ruina, das casas de sessões e caixas economicas e lembrou que se nomeasse uma commissão incumbida de recolher os donativos com que se viessem a socorrer os indigentes, impedindo o peditorio publico.

Referindo-se a um alvitro que o sr. dr. Jayme de Magalhães Lima lhe havia exposto, disse s. ex.ª poder a commissão estudar tambem a creação de uma cozinha economica na cidade.

As palavras do dr. Rodrigues calaram fundo no animo da assembleia que então aclamou sua ex.ª para presidir aos trabalhos, secretariado pelos srs. coronel Bessa e dr. Jayme de Magalhães Lima, sendo, depois de uzarem da palavra alguns dos cavalheiros presentes, nomeada uma commissão composta dos srs. Governador Civil, provedor da Misericórdia, presidentes da Camara e da Caixa Economica e parochos da cidade para estudarem a melhor forma de dar realidade ao bello pensamento do dr. Rodrigo Rodrigues que assim provou mais uma vez a sua grandeza de vis-

tas e as suas altas intenções como Governador do nosso districto.

Syndicancia á Camara

Começaram já os seus trabalhos os srs. Major José Domingues Peres e Mattos Tavares, secretario da Camara de Estarreja, syndicantes da Camara Municipal de esta cidade.

O CARNAVAL EM AVEIRO EM ALBERGARIA EM ESTARREJA

N'outra parte d'este jornal dizemos o que elle foi em Aveiro.

Accrescentaremos, com jubilo, que um grupo de rapazes offereceu no Club Mario Duarte, na tarde de sabbado gordo, um *Five o'clock tea* a algumas familias da nossa primeira sociedade, que decorreu animado e onde se dançou, desde a valsa da *Viuva Alegre* tocada com alma, até á quadrilha marcada por Joaquim Soares com espirito.

Uma festa intima, mas bella, onde as horas voaram e que é preciso repetir para que resuscite em Aveiro a vida de sociedade e ajudar a rehabilitar por todas as formas esta pobre terra.

Em **Albergaria - a - Velha** realizaram-se no domingo e terça-feira, duas deslumbrantes batalhas de flôres, onde vimos carros allegoricos de primoroso gosto e fina graça, que honrariam qualquer cortejo carnavalesco de Lisboa ou Porto.

Jogou-se alli o carnaval com petalas de rosas, nuvens de confetti, rudopios de serpentinas, risos de alegria e olhares de mulheres lindas, como n'uma terra civilisada e educada na decencia e na esthetica.

No cortejo figuraram vinte e tantos carros, destacando-se o da *Rainha do Carnaval*, feito d'uma enorme concha puchada por um gigante cysne, com tirantes de fitas de azul celeste, mordido pelos ramos de violetas; carruagens de Oliveira d'Azemeis e Estarreja, automoveis enfeitados do sr. Angelo Leite, de Estarreja, Manoel Pereira da Silva, d'Angeja, e um outro auto armado em vapor, todo coberto a rosas, de Oliveira d'Azemeis, musica, etc.

As janellas da rua onde se travou a batalha, estavam picarescamente ornamentadas, jogando-se com uma animação extraordinaria e apresentando-se-nos um golpe de vista por vezes feherico e sempre magnifico.

Em **Estarreja**, houve bailes em domingo gordo no Gremio, Club e Centro Recreativo, concorrendo aos dois primeiros muitas familias de Aveiro, que vieram encantadas com o brilho de essas festas, que vão adquirindo verdadeira e justa fama.

Na segunda-feira houve uma entusiastica batalha de flôres, em que tomaram parte numerosos carros, automoveis e cavalheiros dos concelhos de Estarreja, Albergaria, Oliveira, Aveiro e grande numero de mascaradas, muitas senhoras lindamente *costumées*, etc., etc.

Trocaram-se com ardor algumas dezenas de milhares de serpentinas, confetti, camelias, violetas, saccas de bonbons e leves cocottes, por entre ruidosas aclamações e accordes de uma banda com uma vivacidade encantadora, uma alegria empolgante.

A batalha de flôres de Estarreja, que se deve a Angelo Leite, sempre prompto a animar e engrandecer a sua terra, ao incançavel José de Sousa e a outros rapazes de boa vontade, foi um triumpho para aquella villa, que como Albergaria e outras, nos está passando á frente.

Na noite de terça-feira repetiram-se os bailes até de madrugada, assistindo ainda no Gremio familias de Aveiro, Albergaria, Angeja, Espinho, etc.

Na quarta-feira de cinza, quando a escova nos tirou do fato os ultimos papellinhos e os bolsos recheados de lembranças, vindas de mãos graciosas, se despejaram

vagarosamente, ficou-nos na alma a saudade de alguma coisa bella que passou.

Adeus! dissémos. E não sabemos bem que sabor amargo tem sempre que a suspiramos, esta palavra—adeus!

Emquanto uns riam...

Era assassinado, a golpes de navalha, depois de ter agredido o adversario, com um boxe, um desgraçado do Bunheiro, de nome Morgado, no fim d'um baile ao ar livre, no ultimo domingo. O assassino está no poder judicial.

Apontamentos para a historia do Partido Republicano de Aveiro

Em 1889 fui procurado em minha casa, Costa do Vallade, por dois cavalheiros d'Aveiro para lhes mostrar uma carabina Coltz, que eu havia comprado em 1888 no Porto. Depois de ter satisfeito os seus desejos, começámos a fallar sobre coisas varias e veio á discussão a forma como a nação estava a ser administrada. Resolvemos então fazer uma compra de espingardas para uma revolução, que devia rebentar no Porto e alastrar-se por todo o paiz. Não me parecia muito viavel n'esse momento mettermo-nos em taes cavallarias, mas da melhor vontade entrei no *complot* e ficou resolvido que o dinheiro se obteria por emprestimo na Caixa Economica, figurando eu e outro individuo na letra para levantamento da quantia de 1.000.000 réis.

Houve em Aveiro uma reunião na antiga carpintaria de Manuel Christo comparecendo a essa reunião Manuel Christo, Tenente Christo, dr. Joaquim de Mello Freitas, dr. Manuel de Mello, Joaquim Fontes, Francisco Antonio de Moura, José Gamaellas, Domingos Leite, Ponce-Leão e quem escreve estes apontamentos. Se a memoria nos não falha foram 10 os conspiradores que assistiram a essa reunião e ali ficou assente que as armas se comprariam, encarregando-me eu de comprar no Porto 25 e João Ferreira outras 25 em Lisboa.

Fui depois ao Porto com o tenente Christo e Joaquim Fontes, mas não dizendo nunca ao Fontes ao que iam. Chegamos ao Porto dirigi-me com o tenente Christo á loja do meu amigo Lino da Cunha Reis e lá se compraram todas as espingardas que tinha; ao todo 25 e 10.000 cartuchos.

Feitas as compras, o meu amigo Lino fez o despacho para a estação de Quintãs, á minha consignação, vindo o despacho como ferragens, e chegando tudo na melhor ordem. Ao descarregar o caixote com os cartuchos, os empregados não podendo com o pezo (150 kilos) deixaram-o cair arrombando-se n'essa occasião e ficando as caixas que continham os cartuchos á vista, o chefe que estava presente, admirado pelo pezo que o tal caixote continha e pela quantidade das caixinhas, perguntou-me o que era *aquillo*, ao que eu respondi que eram ferragens para a minha obra, pois se dava a circumstancia de n'essa occasião andar a fazer a minha casa. D'ali conduzi os caixotes — 2 com armas e 1 com cartuchos — para uma propriedade que tenho no Ramal da Costa do Vallade.

Poucos dias depois chegavam tambem a Quintãs duas barricas com jesso contendo cada uma 12 espingardas, despachadas pelo sr. João Ferreira á minha consignação. Tiveram igual destino. Constou em Aveiro que existiam ali algumas armas, mas estavam longe de saberem aonde!

Em 1890 rebentou o ultimatum e vem a Aveiro o meu particular amigo dr. Francisco Couceiro para levar para Coimbra as almeçadas espingardas porque, dizia elle—nós vamos proclamar a Republica em Coimbra. Era ao tempo um grande companheiro do actual Ministro do Interior.

Em Aveiro disseram-lhe que não tinham conhecimento da existencia de taes armas.

Francisco Couceiro lá foi um pouco desanimado por lhe não cederem as espingardas, mas não desanimou nunca na sua propaganda democratica. Depois de tudo isto é proclamada no Porto a Republica em 31 de janeiro de 1891. São presos varios vultos, entre elles Santos Cardoso amigo de Joaquim Fontes. Joaquim Fontes vai visital-o e conta-lhe a historia das armas. Santos Cardoso denuncia o tenente Christo, que foi preso, levando na sua carteira as 10 letras assignadas quando da reunião em Aveiro. De Lisboa até ao Porto não foi revistado e chegou ao Porto levaram-o para a Relação encarregando-o n'um quarto. Apenas se viu só, rasgou as letras e deitou pela janella fora os bocadinhos.

De então para cá é que começa a phase de desgostos e episodios. Do Porto veio ordem para se passarem buscas a varias casas d'Aveiro onde se desconfiava existirem as taes espingardas.

Nenhuma das buscas deu resultado porque a nossa policia não tem bom fôro; e digo não tem bom fôro porque na occasião em que entrava em casa Manuel Christo, a esposa d'este sahia com uma espingarda debaixo das saias. Era a unica que elle possuia, porque

tinham vindo para Aveiro umas quatro, sendo uma para elle, outra para Francisco Moura e as outras não me recordo para quem. A policia em Aveiro, nada encontrou; e como havia de encontrar as se ellas estavam tão longe? Em todo o caso eu não julgava as armas seguras onde as tinha e tratei de as retirar da minha propriedade para casa d'um rapaz meu trabalhador, n'essa noite. Os caixotes foram bem, mas para levarmos o dos cartuchos?

Lá ajudei o rapaz com muito custo e lá foi o desgraçado com o caixote ás costas a uma distancia de uns 100 metros! Não sei como não rebentámos! Metti muito medo ao rapaz para que elle nunca dissesse nada—e não disse.

Depois de tudo terminado, fui ao Porto fazer a venda das espingardas ao meu amigo Lino. Vendi-lhas todas a 11.000 réis, assim como os cartuchos. Era no verão e elle estava com a familia em Espinho. Combinámos despachar para lá tudo aquillo, e assim fiz, mas não nos mesmos caixotes para nas Quintans não desconfiarem. Fiz eu mesmo os caixotes e conduzi-os com o tal meu trabalhador para o carro. Lá foram despachados para Espinho e eu fui passar com a familia uns dias á Costa Nova. Estava eu muito descaçado, quando recebo um telegramma de Espinho, em que me diziam:—«Venha já aqui». Fiquei muito sobresaltado, porque julguei que as armas tinham sido aprehendidas.

Lá fui, suppondo que seria preso, e apenas cheguei tratei de procurar o meu amigo José Saraiva, socio do meu amigo Lino, que disse apenas me viu:—«As espingardas estão todas estragadas, e eu não posso dar o que combinámos». Fiquei muito contrariado por me ter feo passar um mau bocado e disse-lhe:—«Dê por ellas o que quiser; pois o que eu queria era vêr-me livre d'ellas.»

Ficou assente dar-me por cada uma 8.000 réis. Era pouco, mas sempre era melhor do que ir para Africa! Os meus companheiros nunca mais me tornaram a perguntar pelas armas. Eu e Manoel Christo é que nos aguentámos com a bucha, porque depois de amortizarmos com o producto da venda das espingardas a letra da Caixa, ainda ficámos a dever uns 300.000 réis que pagámos passados 3 ou 4 annos.

Mas ainda não pára aqui a historia. Os cartuchos não poderam ir todos. Só d'ahi a algum tempo mandei o resto. Mais infeliz do que da primeira vez, foram estes aprehendidos na estação de S. Bento, sendo preso o empregado que os foi levantar, sendo depois affiançado em 1.000.000 réis pelo meu amigo José Saraiva. Como o rapaz se viu comprometido, tratou de atirar com as culpas para mim, e d'ahi eu processado e incommodado. Em que colicas me vi nem quero lembrar-me! Era nomeado para juiz do Contencioso Fiscal do Porto o sr. Augusto de Castro, meu particular amigo, que a pedido d'um outro amigo, o saudoso Conselheiro Castro Mattoso, que foi para mim um segundo pae, me valeu em tudo isto, conseguindo a minha absolvição com o fundamento de que as armas tinham sido compradas antes do 31 de janeiro; isto é, antes da publicação do decreto que considerava taes armas contrabando de guerra.

Eu nunca narraria semelhantes factos, se não fosse ter lido umas referencias a este respeito que não eram a expressão da verdade, e por perceber que com isso se pretendia fazer politica, rebaixando uns e consagrando outros. Nunca gostei de vêr o meu nome nos jornaes, mas muito me custaria deixar passar *aquillo* sem reparos, mesmo porque muitos republicanos d'agua doce, se julgam com direito a fallarem de poleiro, diante de quem escreve estas linhas e d'outros republicanos antigos!

Conheço alguns que nunca foram republicanos, antes pelo contrario, bem os guerrearam, mas que hoje pretendem dar as cartas. Pelo menos é o que succede cá na minha freguezia, onde o caciquismo impera ainda acobertado com a capa de republicanismo.

Não são decorridos muitos mezes ainda, depois que uma commissão composta de quatro «cavalheiros» da minha terra, capitaneados pelos chefes *bloquistas*, me deu um cheque na presenca da primeira autoridade do districto, calcando aos pés a lei e commettendo uma revoltante arbitrariedade. E como não hão de os caciques andar arrogantes se a Republica lhes dá guarida!

Não lhes correm os vòos e verão onde irão parar. Agora todos são republicanos, apesar de na celebre eleição do *bloco* terem commettido as maiores violencias e tropelias contra os republicanos.

Que farçantes! Que cynicos!

MANOEL DIAS.

Transferencia

Para o Porto foi transferido o director da Alfandega d'esta cidade sr. Nunes da Silva, de Cacia.

Commissão Municipal Administrativa

Sessão de 2 de Março de 1911.

Presidencia do cidadão dr. Carlos Alberto da Cunha Coelho. Assistiram os vogaes Jayme Ignacio dos Santos, Pompilio Souto

Ratolla, Vicente Rodrigues da Cruz, Manuel Rodrigues Teixeira Ramalho, Sebastião Pereira de Figueiredo e Manuel Augusto da Silva, bem como o administrador do concelho, dr. Diniz Severo de Carvalho.

Acta approvada, em seguida ao que a Comissão deliberou:

Deferir as diversas petições de alinhamento e licença para construcções que lhe foram presentes;

Tomar em consideração, para ser opportunamente attendido, o pedido d'um subsidio de lactação feito por Sebastião da Silva Marques, viuvo, d'Eixo;

Attender a petição de Alberto da Naia Marques, presente á sessão anterior, conforme a expressa determinação legal;

Enviar para juizo a participação do fiscal municipal José Rodrigues Mieiro, contra o taberneiro Bento Bernardo, d'esta cidade;

Manter a resolução tomada pela vereação anterior, com respeito á avença a realizar com a firma «Reis & Filho», negociante de vinhos, n'esta cidade;

Rehaver dos arrematantes dos impostos nas freguezias de Esqueira, Oliveirinha, Requeixo e outros logares, o imposto por elles illegalmente cobrado sobre as carnes;

Mandar proceder á poda das arvores do largo do Senhor das Barrocas, conforme o pedido da respectiva Comissão Parochial;

Commissionar os vereadores Jayme Ignacio dos Santos, Manuel A. gusto da Silva e Pompilio Souto Ratolla, para examinarem as condições em que se encontram alguns empregados do municipio, a fim de legalisar a sua situação;

Mudar para os baixos do edificio dos Paços do concelho a repartição de aflamentos, a fim de aproveitar a loja em que essa arrecadação se encontra, destinando-a a arrecadação de materias, e dispensar o armazem por que se paga renda;

O exm.º Presidente communicou, por fim, ter sido negada á Camara a auctorisação que pediu para desviar do seu fundo de viação a quantia de 1.000.000 réis durante tres annos para pagamento das dividas do municipio a diversos fornecedores.

Credito agricola

Foi já publicada esta nova lei da Republica. Vamos lê-la com vagar e estuda-la com cuidado.

A Moralidade de "HOCHÉ,"

Quanto custava ao Estado o ex-juiz d'instrucção criminal!...

O sr. dr. Almeida Azevedo, ultimo juiz de instrucção criminal, vulgarmente conhecido pelo *Hoche*, tinha, como é sabido, trem aturado, embora andasse a pé quasi sempre. De junho de 1909 a abril de 1910, custou mensalmente esse trem 90.000 réis. De maio a setembro de 1910, augmentou a despesa em 15.000 réis mensaes. Custava a tipoa 105.000 réis por mez, ignorando-se as razões de tal acrescimo. Do carro aproveitava-se a familia do juiz e outra familia que n'este paiz foi escandalosamente privilegiada: a do sr. José Luciano de Castro. Para os juizes auxiliares havia tambem verbas de trens, comquanto todos os empregados superiores do juizo possuissem passes gratuitos dos electricos e de todos os elevadores.

Os chefes de policia Ferreira, Sarmento, Sacarrão e Baeta Dias recebiam gratificações mensaes, como auxilio para renda de casas, sendo assim equiparados aos chefes de esquadra, a quem a referida despesa é paga pelo Estado. No entanto, aquelles chefes de policia recebiam emolumentos—e que emolumentos!—não auferidos pelos que fazem serviços nas esquadras.

Em casa do sr. José Luciano de Castro achavam-se de serviço

dois policias, que recebiam, mensalmente, além dos seus vencimentos, cerca de 4.500 réis cada um. Sabe-se, por documentos, existentes, que taes gratificações eram destinadas a occorrer a despesas de transportes no serviço do ex-chefe progressista!

As despesas do juiz Almeida Azevedo, durante o tempo que desempenhou o cargo de juiz de instrucção criminal, subiram a réis 14.261.230, tendo sido paga pelo cofre da policia preventiva a quantia de réis 13.394.260. Taes despesas foram divididas em duas categorias: despesas ostensivas e despesas reservadas. A primeira categoria cabem réis 5.934.505 e a segunda 8.326.725 réis.

As despesas reservadas (réis 8.326.725), distribuidas pelos dezesseis mezes da gerencia do sr. Almeida Azevedo, dão uma media de 520.000 réis mensaes, numeros redondos. Em que se gastava este dinheiro? Parece que ainda até hoje não foi possível averigual-o. Almeida Azevedo alegou que a parte mais importante, que dispndia com a policia reservada, era destinada ao pagamento do serviço de informação secreta. Mas não existe um documento unico que tal demonstre...

Seriam muitos, seriam poucos os *bufos* ás ordens de Almeida Azevedo? Uma media de réis 520.000 mensaes com bufaria ultra-secreta é obra! Quem poderia estar mais ou menos ao corrente do caso, affiança que os informadores do juiz de instrucção criminal não passavam de meia duzia de individuos de miseravel apresentação, a quem elle gratificava com uns magros tostões. De resto, Almeida Azevedo só pagava a espíões que lhe dessem noticias boas e em conformidade com a importancia d'estas...

O juiz de instrucção era fona e, ao mesmo tempo, meticulosissimo nas suas contas. Mas ninguém logrou pôr os olhos nas da policia reservada: tamanho o escrupulo do sr. Almeida Azevedo em guardar o segredo profissional! Todavia, sabe-se, por sua propria confissão, que cortou largamente pela bufaria anterior á sua gerencia e, por confissão de outros, que as denuncias recebidas não prestavam para nada, pois que os trabalhos realizados em virtude d'ellas resultavam sempre improficuos...

Por onde se sumiriam os réis 520.000 mensaes?

Já depois de proclamada a Republica, perguntaram ao dr. Almeida Azevedo—que gastava, em media, mais de 500.000 réis mensaes com bufaria ultra-secreta—o local em que se costumava encontrar com os seus mysteriosos informadores.

Respondeu o juiz, mais conhecido pela alcunha de *Hoche*, que na repartição, em sua casa, em casa de pessoas amigas e na rua, sendo frequente como ponto de reunião a *Rotunda*.

Na repartição, Almeida Azevedo não recebia mais de meia duzia de miseraveis individuos, pouco exigentes, a quem elle mandava dar uns tostões e que nunca lhe forneceram noticias de geito.

Na Rotunda talvez falasse com bruxas, á meia noite, para lhes perguntar o destino que conviria ter a quantia mensal de réis 150.000, destinada a despesas com investigações sobre crimes de anarchistas e moeda falsa. Esses 150.000 réis, nunca deixaram de ser cuidadosamente recebidos, embora as despesas feitas em tal materia tivessem sido pagas por fóra, quando as houve.

Vem a proposito dizer para que servia a policia no tempo do antigo regimen. Ninguém ignora que ella tinha variadissimos prestimos. Havia guardas ao serviço domestico, permanente, do sr. José Luciano, recebendo quantias mensaes extraordinarias para transportes.

Pois o juiz de instrucção, além

dos guardas que se lhe revezavam á porta de casa, tinha um como mordomo—o Antonio Duarte—que entrava ás sete da manhã e sahia á meia noite!

Centro Monarchico

Ainda mechem? Optimo será que o façam. Ser-lhes-hão contados os passos, um a um, como até hoje alguns tecm sido contados. Nada mais.

Albergaria-a-Velha, 1

As grandes festas do Carnaval promovidas pelo sympathico «Grupo dos Modestos» foram brilhantes. Ao apparecer o projecto annunciador todos diziam que nada d'aquillo era verdadeiro. *Blagues* proprias da occasião.

Assim não succedeu. Os cortejos foram bem organizados, e todos os carros fizeram sensação, não podendo, porem, deixar de destacar o da *Rainha do Carnaval*, obra do amigo João de Pinho, que alliará a arte á pompa. Um verdadeiro carro triumphal.

Depois não tão ricos, mas vistosos e com chiste, apreciámos os dos *Bailarinos*, *Chinezes Anor e Champagne*, sem que possamos distinguir um do outro, porque em todos se via o bom gosto.

Dos forasteiros brilharam o *autonovel* do sr. Alfredo Alegria, d'Oliveira d'Azemeis, e um *phaeton* que conduzia os nossos sympathicos amigos drs. José Lemos, Jayme Ferreira, José Dias Aydos e Amador.

O resto tudo bem e allegorico. Bôa piada e os combates, tanto na rua como no theatro, foram tocados de delirio, esgotando-se as fartas provisões de guerra.

Tanto no domingo como terça-feira houve theatrada pelos *Modestos*. Pena foi que na terça-feira não houvesse *marche au flambeau*, que tanto effeito deu ha dois annos.

O *salsifr* das tricanas, numero de segunda-feira, correu animado, dando-se bem á perna.

O desempenho das comedias escedeu a nossa expectativa, não exagerando dizendo que, por amadores e com tão poucos ensaios, era impossivel dar-lhe mais salero. Todos se houveram com distincção; mas permitta-se-nos que destaquemos d'esse grupo os debutantes, pois que os outros sempre mereceram a nossa admiração. Francisco Silva, Hernani Cabral, e Baptista Junior revelaram uma grande aptidão para a scena, dizendo com consciencia e naturalidade.

A comedia *Morrer para ter dinheiro*, conquistou calorosos applausos, não só por ser hilariante, mas por estar habilmente marcada e ensaiada pelo amigo Albercio de Lemos.

N'ella tomou parte o nosso amigo Eugenio Ribeiro, sendo escusado encerrar-lhe o merito, que todos lhe reconhecem, mas não nos podemos furtar ao desejo de dizer que elle se apresentou cheio de saudade.

Assim terminou o Carnaval, que nos deixou as mais suaves impressões.

Nós, o mais obscuro dos que tivemos a dita de assistir a tão brilhantes festas, folgamos por ter ensejo de felicitar o digno Administrador do concelho, nosso bom amigo dr. José de Lemos, pela forma criteriosa como ordenou a policia na ilha, pois não se registou uma unica desordem ou nota desagradavel.

Aos *Modestos* o nosso *urráh* sincero.

Aos gentilissimos forasteiros a nossa gratidão pelo brilho que vieram imprimir ás nossas festas.

JUVENAL.

Alquerubim, 2.

Confesso, meus caros leitores, que não me sinto ainda com muitas forças para descrever com exactidão as mihas impressões do Carnaval, porque estou ainda muito *esbodégado* e com bastante somno. Mas no entanto alguma coisa vos direi. Este alguma coisa, afinal, é muito pouco.

Aqui o Carnaval só se distingue dos outros dias, pelo attentado contra a vida dos pobres galos, patos e tornos do tonel.

Porque, afinal de contas; que mais ha, aqui? Eu nada vi; a não ser aqui e acolá, lá longe, um *pierrrot* mas um *pierrrot* d'aldeia. Não sei se me faço comprehender.

Que sensaborão é este carnaval!... Que velho!... Agora o que a toda a gente despertou um grande interesse e admiração, foi um carro que atravessou algumas ruas d'esta freguezia, lindamente ornamentado, e que se dirigia a Albergaria, para ahí se incorporar no cortejo Carnavalesco.

Nesse carro iam os senhores drs. José Nogueira Lemos, Jayme Ferreira, José Dias Aydos e Arthur Maria Amador, vestidos todos de branco. E seguindo nos consta parece que este carro foi o que com mais entusiasmo e furor se manteve, nas batalhas de flores, que no domingo e terça se realizaram na encantadora Albergaria-a-Velha.

E com isto só, vou findar a minha correspondencia, porque não posso mais. E porquê, não advinham?—E', porque a verdade é que eu tambem atirei muita serpentina e confeti e já tenho o braço a doer.

Correspondente.

Gremio Liberdade

CENTRO ELEITORAL REPUBLICANO DE ARADAS

Inscreveram-se como socios de este Centro, os seguintes cidadãos:

Domingos Rei Netto, Alberto João Rosa, Joaquim Rei Netto, José Nunes d'Anna Junior, Manoel Ferreira Lavrador, José Simões Maio Junior, João da Conceição Serralheiro, Marcos Simões Morgado, Jeremias da Maia Russo, Manoel Baptista de Pinho, João Antunes, Manoel Fernandes Barros, Manoel Ferreira Borralho, Manoel Ferreira Borrasso (filho), Manoel Ferreira dos Reis-

Pinto, Alberto Souto, dr. Abilio Justica, Amandio Ribeiro da Rocha, Antonio da Rocha Martins, Manoel Gonçalves d'Oliveira, Francisco Pereira dos Santos, Ayres Luiz Pereira, José Baptista de Pinho, Manoel da Maia Russo, Manoel Martins da Rocha, João d'Oliveira Gamellas, João Ferreira Borralho de Pinho, Manoel Martins Bastos, Manoel Simões Maia (da Agra), Luiz Simões Pachão, Antonio Francisco do Casal, Luiz Philippe, dr. Amadeu Tavares da Silva, Antonio Ferreira Borralho (Alamos), Alberto da Silva, Luiz dos Santos Chanças, Jayme Francisco dos Reis, Manoel Francisco Faúlho Rasoilo, Joaquim Philippe, Manoel Francisco Panella, Antonio Tavares Lebre.

ANNUNCIO

Junta Administrativa das Obras da Barra e Ria d'Aveiro

Construcção de rendentes na Praia de S. Jacintho

FAZ-SE publico que no dia 23 de Março de 1911, pelas 12 horas do dia, na Administração do concelho d'Aveiro, perante a commissão presidida pelo respectivo Administrador, terá logar o concurso por meio de carta fechada, para a arrematação de 585^{mc},659 de pedra de grés de Eirol, posta na praia de S. Jacintho.

A base de licitação é de 644\$220 réis.

O deposito provisorio a fazer para ser admittido como licitante é de 16\$120 réis e o defenitivo é de 5 p. c. da importancia da arrematação.

As condições e encargos da arrematação estão desde já patentes na Administração do concelho d'Aveiro, e na Secretaria da Direcção das Obras da Barra e Ria d'Aveiro, sita na rua da Corredoura d'esta cidade, até á vespera do dia da arrematação.

As guias para effectuar o deposito provisorio são passadas na Secretaria da Junta Administrativa das Obras da Barra e Ria d'Aveiro, até á vespera do dia da arrematação. Aveiro, 24 de Fevereiro de 1911.

O Engenheiro Director das Obras,

Daniel Gomes d'Almeida.

Banco de Portugal

Dividendo do 2.º semestre de 1911

Está em pagamento na Agencia do mesmo Banco, em Aveiro, na razão de 7 %, das 11 da manhã á 1 da tarde.

FLORISTA

AMELIA AUGUSTA MODESTA com atelier d-florista na Rua Manoel Firmieiro, concerta e aluga flores e encarega-se de qualquer encomenda concernente á sua arte.

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

Pelo Juizo de Direito d'esta comarca e cartorio do escrivão do segundo officio—Barbosa de Magalhães—nos autos de inventario de menores a que se procede por fallecimento de José da Silva Maia, viuvo de Roza dos Santos, que foi morador na freguezia de Eixo, d'esta comarca, e em que é inventariante e cabeça de casal David da Silva Maia, filho do fallecido, solteiro, lavrador, residente na mesma freguezia, correm editos de trinta dias, a contar du segunda e ultima publicação d'este no respectivo jornal, chamando e citando a interessada Julia Maia, solteira, maior, auzente em parte incerta da cidade de Lisboa, filha do fallecido, para assistir a todos os termos até final do referido inventario, constituindo procurador ou escolhendo domicilio na sede da comarca e deduzir n'elle os seus direitos nos termos da lei, sob pena de revelia.

Pelo presente são tambem citadas todas e quaesquer pessoas incertas que se julguem interes-

sadas no mesmo inventario para, sob a mesma pena, deduzirem os seus direitos.

Aveiro, 18 de fevereiro de 1911.

Verifiquei:

O Juiz de Direito, Ferreira Dias.

O escrivão,

Silverio Augusto Barbosa de Magalhães.

EUCALYPTUS globulus cultivados em vasos proprios para plantações, ha-os á venda por preço modico na Quinta da Patella, proximo a S. Bernardo—Aveiro.

HOTEL GYSNE

Rua 5 d'Outubro

AVEIRO

Magnifica instalação. Casa apropriada, junto á ria.

Asseio e limpeza

Preços modicos

A Liberdade

Jornal republicano de Aveiro

Nada se publica referente á vida particular do cidadão.

Assignaturas

Anno (Portugal e colonias) 1\$200 réis
Semestre 600 »
Brazil (anno moeda forte) 2\$500 »
Anulo 20 »

Annuncios

Por linha 40 réis
Repetições 30 »
Communicados 20 »
Permanentes—contracto especial.

A todas as pessoas a quem pela primeira vez enviamos este jornal, pedimos o favor de o devolverem immediatamente, caso o não queiram assignar.

“A Liberdade,” vende-se em kiosque da praça Luiz Cypriano.